

O trabalho educativo na socioeducação e o fortalecimento do laço civilizatório

Educational work in socio-education and strengthening the bond of civilization

DOI: 10.55905/rcssv12n5-029

Received on: September 11th, 2023

Accepted on: October 10th, 2023

Jéssica Emanoeli Moreira da Costa

Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura

Instituição: Universidade de Brasília

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, CEP:72910-000

E-mail: jessicaemanoeli@gmail.com

Katia Tarouquella Brasil

Pós-Doutoranda em Psicologia

Instituição: Universidade de Brasília

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília - DF, CEP:72910-000

E-mail: katia.tarouquella@unb.br

Valerie Ganem

Doutora em Psicologia

Instituição: Université Sorbonne Paris Nord

Endereço: Avenue Saint Martin, 37390, Chateaux Sur Choisy - Paris, França

E-mail: ganemvalerie@gmail.com

Christina Pereira da Silva

Doutora em Educação

Instituição: Colégio Militar de Brasília

Endereço: Asa Norte, Brasília - DF, CEP 70790-020

E-mail: christinapereiradasilva@gmail.com

RESUMO

Este estudo relata uma pesquisa realizada junto aos professores de uma escola inserida em uma unidade de internação, sob a tutela da justiça para adolescentes em conflito com a lei. Utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa proposta em Psicodinâmica do Trabalho. Coloca-se em discussão o sentido do trabalho em uma instituição com um caráter ao mesmo tempo carcerário e socioeducativo. A escuta no espaço coletivo de fala para esses professores revelou a parte sombria deste trabalho, mas, ao mesmo tempo, uma dimensão de reinvenção com o enlace dos vínculos com a cultura. O lado sombrio se relacionou às narrativas de violência, precariedade social e desesperança dos adolescentes, bem como, pelo descaso das políticas públicas para este segmento da população. Por outro lado, a reinvenção nesse trabalho se revelou na tentativa de inscrição desses adolescentes em laços civilizatórios, por meio do investimento em elementos da cultura. Esse espaço coletivo apontou que o sentido desse trabalho na socioeducação é sustentado por ambições educativas e inclusivas, que convoca a uma ética de atenção ao

outro revestida de valor civilizatório, por sua vez, tão destruída na experiência de enclausuramento.

Palavras-chave: socioeducação, trabalho educativo, sentido do trabalho, laço civilizatório.

ABSTRACT

This study reports a survey carried out with the teachers of a school inserted in a hospitalization unit, under the guardianship of justice for adolescents in conflict with the law. We used the qualitative research methodology proposed in Work Psychodynamics. The meaning of work in an institution with a character that is both incarcerated and socio-educational is under discussion. Listening in the collective space of speech for these teachers revealed the dark part of this work, but, at the same time, a dimension of reinvention with the link of the links with culture. The dark side related to the narratives of violence, social insecurity and despair of adolescents, as well as the neglect of public policies for this segment of the population. On the other hand, the reinvention in this work revealed itself in the attempt to inscribe these adolescents in civilizing ties, by means of investment in elements of culture. This collective space pointed out that the meaning of this work in socio-education is supported by educational and inclusive ambitions, which calls for an ethic of attention to the other dressed in civilizing value, in turn, so destroyed in the experience of cloistering.

Keywords: socio-education, educational work, sense of work, civilizing bond.

1 O SENTIDO DO TRABALHO E OS DESAFIOS NA SOCIOEDUCAÇÃO

A escola dentro da unidade de internação é um espaço em que é possível para os adolescentes, a retomada dos laços rompidos pelo abandono escolar e o envolvimento com o ato infracional. O papel do professor na socioeducação coloca esse profissional com o desafio de lidar com alunos que, antes de chegarem às unidades de internação e ficarem privados de liberdade, já passaram por um processo de rompimento com a escola e de fragilização dos vínculos familiares. O ato infracional possui uma relação com toda uma dinâmica de privações e violações de direitos às quais esses adolescentes foram expostos, de modo que sustentar este trabalho coloca esses professores em um desafio importante do ponto de vista consciente e inconsciente. Pedroza (2010) indica que a formação do professor considera fortemente os aspectos conscientes do ensino e da aprendizagem, como a inteligência, os componentes cognitivos e o processo pedagógico.

Sendo assim, os professores no trabalho com os adolescentes em conflito com a lei são confrontados a adolescentes que estão fora da escola e que possuem uma “carreira” de fracasso escolar, de defasagem em relação ao conteúdo educativo e apresentam uma falta de familiaridade com o trabalho intelectual. Portanto, além dos aspectos conscientes,

os conteúdos inconscientes também estão presentes na relação professor-aluno e que abrange a dinâmica da transferência e a realidade psíquica que atravessa esta relação (BLANCHARD-LAVILLE, 2005). A autora aborda que o inconsciente divide o sujeito e impede que a consciência assuma o domínio do psiquismo e destaca que os aspectos inconscientes permeiam o trabalho docente, uma vez que a educação está no centro de relações conflitivas entre pulsão e cultura.

O trabalho como um todo ocupa uma dimensão ativa na vida subjetiva, com uma dinâmica de inter-relações que repercutem nos sujeitos, ao passo que o próprio trabalho também é modificado. Na contemporaneidade, o trabalho toma uma posição de centralidade na construção da identidade e nas relações sociais (AREOSA, 2021). O trabalho nunca é neutro em relação à saúde mental, podendo gerar o que há de pior (o suicídio) e também o que existe de melhor – a realização pessoal por meio do trabalho, a sublimação, a contribuição para as obras da cultura e da civilização (GERNET, 2009; DEJOURS, 2011).

A subjetividade é estruturada e mobilizada pelas relações de trabalho docente, ao passo que trabalhar requer um engajamento completo da subjetividade, como também, “trabalhar não é apenas produzir, é ainda transformar-se a si próprio” (DEJOURS, 2013, p. 72). Sendo assim, a concepção de trabalho no sentido freudiano como exigência do psiquismo, se contrapõe à noção de trabalho, - poesis-, que repousa na noção de ação no mundo com vistas a sua transformação (DEJOURS, 2013).

Desse modo, os professores que atuam no sistema socioeducativo não têm como referência apenas as diretrizes tradicionais da educação, mas são convocados também a repensar seu trabalho e sua identidade como professor. Acerca do trabalho docente em uma escola no contexto de medida socioeducativa, Arraz (2022) afirma que as relações de trabalho são marcadas pelas condições precárias do ambiente hostil com as imprevisibilidades do ambiente, como riscos de rebeliões e outros acidentes. Em meio aos desafios enfrentados no cotidiano, esse trabalho pode ser fonte de adoecimento ou de promoção à saúde mental, e para discutir esse paradoxo, o sentido do trabalho deve ser revisitado por meio da escuta e da análise das dimensões que o ato de trabalhar ocupa na vida desses professores. O sentido do trabalho apenas pode ser discutido com a retomada da fala do trabalhador sobre suas angústias, impotências, desafios, bem como, meios de reconhecimento e fortalecimento coletivo, além da reinvenção do sujeito (DEJOURS, 1999; LANCMAN et al., 2007).

Os trabalhadores docentes da socioeducação são expostos à complexa conciliação entre as demandas da grade curricular formal de ensino e, aos desafios de sua prática em um ambiente carcerário e restritivo, o que possui inegavelmente repercussões no sentido do trabalho educativo (ARRAZ, 2022). As instituições de medidas socioeducativas se configuram como um espaço vinculado à justiça e assumem um caráter carcerário e punitivo. Por sua vez, a escola inserida dentro da instituição de privação de liberdade se caracteriza como uma instituição vinculada à Secretaria de Educação de Brasília e os profissionais são professores desta secretaria, sem nenhum vínculo com a justiça.

A intervenção em Psicodinâmica do Trabalho aqui apresentada ocorreu junto aos professores de uma escola que funciona dentro de uma Unidade de Internação para adolescentes em conflito com a lei. O trabalho docente dentro do sistema socioeducativo está pautado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que prevê aos adolescentes em privação de liberdade a garantia de acesso à escolarização e profissionalização (BRASIL, 1990). Por sua vez, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), estabelece que as unidades de internação devem contar com estabelecimentos educacionais e profissionais docentes, tendo em vista, a dimensão educativa enquanto potência de ressocialização dos adolescentes (BRASIL, 2012).

Nesse contexto, os professores não atuam como agentes da disciplina institucional, nem como outro profissional da justiça, o que permite um lugar privilegiado na relação com os adolescentes, sem caráter punitivo e disciplinador. Porém, os históricos de evasão escolar, o ambiente precário do encarceramento, e as dificuldades no percurso escolar dos adolescentes, constituem-se como desafios encontrados no trabalho docente em meio socioeducativo. Por um lado, há as exigências de metas do que está previsto em lei e, por outro, os desafios na transmissão de saber em condições precárias.

Neste cenário, as pesquisadoras identificaram que os professores tinham uma proximidade com os adolescentes, pois o trabalho docente nessas condições é marcado pela transmissão do saber, mas acima de tudo é atravessado pela retomada do laço civilizatório, com os quais esses adolescentes romperam ou enfraqueceram, e que precisa ser restaurado a partir dos valores civilizatórios compartilhados que fazem eco na subjetividade. Esta situação apontava para um lugar importante que esses profissionais tinham na relação com os adolescentes, mas, ao mesmo tempo, revelava uma dificuldade desses profissionais em sustentar o trabalho junto a estes jovens, tendo em vista que os dados institucionais apontavam a rotatividade dos professores e também licença médica

de afastamento do trabalho. Portanto, este estudo pretende colocar em discussão o sentido no trabalho educativo, que passa pela reinvenção das práticas dos professores de uma unidade de internação para adolescentes em conflito com a lei, rumo ao endereçamento desses jovens ao laço civilizatório.

2 ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

No Brasil, os jovens de 15 a 29 anos representam um quarto da população brasileira. Segundo o Levantamento Anual do Sistema Socioeducativo de 2021, publicado no 16º Anuário de Brasileiro de Segurança Pública de 2022, a quantidade de adolescentes entre 12 a 18 anos que estão em restrição de privação de liberdade por ato infracional (internação, internação provisória e semiliberdade) totalizam 13.684 casos. Desses atos infracionais, 38,1% refere-se ao roubo, 26,5% ao tráfico de entorpecentes e 8,4% ao homicídio. Tal situação desmascara a face vulnerável da sociedade brasileira que atinge de modo implacável a juventude, pois grande parte desses atos são cometido por adolescentes e jovens negros das periferias das grandes cidades.

Esses jovens da periferia que são vistos na sociedade brasileira como autores de atos de violência, na verdade são as maiores vítimas da violência. Nos últimos anos, os dados de violência contra a população infantojuvenil seguiram com recordes de registros. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (2017) 35.783 jovens foram assassinados no Brasil esse quantitativo representou uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país. De acordo com 16º Anuário de Brasileiro de Segurança Pública de 2022, durante a pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020-2022, os crimes de abandono, violência sexual e homicídio contra adolescentes de 12 a 17 anos apresentam taxas recordes de incidência, sendo que adolescentes negros foram as maiores vítimas de mortas violentas intencionais representando 85,1% dos casos.

Essa violência que atinge os adolescentes e jovens da periferia mascara um racismo estrutural que busca silenciar e construir um apagamento desse segmento da população, pois nem sempre é visibilizada, e quando ela aparece não é encarada como um problema de sociedade. No entanto, quando a violência é cometida pelos adolescentes e jovens negros da periferia, a repercussão social é grande e a mídia trata esta questão como um problema individual e não como responsabilidade social que diz respeito a toda uma sociedade que segrega adolescentes negros e pobres do país. Abramowicz (2020) lembra que está em curso no Brasil uma política denominada de “necropolítica”, termo

desenvolvido por Mbembe professor de História na África do Sul, que denuncia a política da morte adotada pelo Estado e cujo alvo seriam negros e negras.

3 O LUGAR DA VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

Atualmente, a temática da violência na fase da adolescência exige uma reflexão sobre as suas múltiplas causalidades e situações que causam seu agravamento, tanto em termos de frequência quanto de intensidade. A adolescência coloca em perspectiva uma reorganização da identidade, corporal, psicológica e sexual ao mesmo tempo em que também aponta para a fragilidade narcísica que, nesse momento de remanejamento pode levar o adolescente a agir, para sair da sensação de ser agido, no sentido da intensidade das transformações corporais e psíquicas (CARDOSO, MARTY, 2008; GUTTON, 1991). Contudo, é preciso analisar de um lado os elementos psíquicos relacionados à violência, mas também os aspectos sociais, econômicos e sócio-políticos relacionados a ela, pois, a clínica psicanalítica nos confronta com as angústias oriundas da exposição à violência, ao abandono e a precariedade social. Rosa (2012) destaca que as experiências de atendimento psicanalítico em comunidades atingidas pela exclusão social e política coloca o psicanalista face ao que é chamado como uma psicanálise clínico-política, que busca articular a relação do sujeito, o laço social e político. A autora chama a atenção para o fato de que uma psicanálise implicada é constituída pela escuta dos sujeitos situados no campo social expostos a violência, ao abandono e à precariedade social.

A realidade social e psicológica dos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social é plena de experiências reais de traumatismos, como a exposição à violência, ao abandono, às drogas, aos maus tratos, entre outras, as quais produzem repercussões psíquicas na constituição da identidade e da saúde mental. Vale destacar que, com frequência, esses jovens convivem em seu cotidiano com a violência em suas relações e com a fragilidade dos mediadores da cultura. O contexto social em que vivem os lançam em um desafio externo e interno que produz uma exigência de trabalho psíquico, nem sempre possível de ser realizado, de modo que, a passagem ao ato pode se delinear como o modo privilegiado de relação com o outro e com o contexto social.

As diretrizes nacionais para a reinserção social do adolescente em conflito com a lei estão de acordo com a Doutrina de Proteção Integral, instaurada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a qual institui que crianças e adolescentes devem ter direitos a serem protegidos e respeitados de forma integral, pois se caracterizam

como indivíduos em desenvolvimento. De modo que caso o adolescente venha a cometer algum ato infracional o ECA prevê medidas socioeducativas como a internação, a semiliberdade e a liberdade assistida. Segundo o ECA (art. 103), o ato infracional é a conduta da criança e do adolescente que pode ser descrita como crime ou contravenção penal. O ECA prevê medidas socioeducativas mais brandas como advertência, prestação de serviço à comunidade até medidas de internação, semiliberdade e liberdade assistida (BRASIL, 1990).

Assim é necessário esclarecer que os profissionais da educação, nas unidades de internação, serão confrontados com adolescentes que se posicionam, muitas vezes, em ataque aos vínculos, pela dificuldade em confiar e em investir em relações que eles supõem que devam ser temporárias, além da pouca confiança nas pessoas que compõem a instituição. Ao mesmo tempo, o contexto da passagem ao ato comporta uma mensagem (não verbal) endereçada ao outro, como uma tentativa de comunicar, de partilhar e de colocar em cena as situações traumáticas que o sujeito não consegue simbolizar. Rosa e Vicentin (2010) consideram que a passagem ao ato na adolescência está relacionada também a uma busca de pertencimento ao laço social, pois no ato infracional esses adolescentes encontram a promessa de pertencimento identitário a uma grupalidade. Portanto, torna-se necessário que esses adolescentes encontrem espaços onde possam investir em laços sociais de caráter civilizatório, como investimento libidinal em dispositivos culturais.

A psicanálise enquanto saber e ética permite uma compressão dos impasses dos sujeitos frente ao processo civilizatório. Freud (1930/1980) destaca que o custo a se pagar para a convivência em sociedade é a renúncia ao gozo da pulsão de morte. Portanto, o laço discursivo e as mediações culturais assumem o lugar da destrutividade de si e do outro nesse pacto civilizatório (ROSA; VICENTIN, 2010).

Freud já dizia que a violência é sinal de mal-estar (Freud, 1930 /1980). Neste contexto, a violência deve ser tomada também como sintoma social e, portanto, não é possível compreendê-la de forma parcial ou segmentada. No contexto das medidas socioeducativas, as unidades de internação são espaços caracterizados por condições precárias de laços sociais e onde os adolescentes são protagonistas das violências sofridas pelo cenário de segregação carcerário.

4 MÉTODO

A pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho aqui apresentada desenvolveu-se em uma escola que se insere em uma instituição de privação de liberdade para adolescentes no Distrito Federal, capital do Brasil, e integrou um projeto de pesquisa intitulado “Violência e passagem ao ato: o discurso dos adolescentes em conflito com a lei e dos profissionais das medidas socioeducativas”, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal- FAP-DF, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília (CAAE: 50960115.0.0000.0029). O nome dos profissionais foi mantido no anonimato, a participação foi voluntária e os profissionais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a autorização do Juiz da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas do Distrito Federal.

A instituição na qual se desenvolveu a pesquisa é uma instituição fechada de internação, se situa em Brasília (capital do Brasil), e é voltada para atendimento multiprofissional de adolescentes e jovens na faixa etária entre 12 e 18 anos, que se encontram em conflito com a lei em cumprimento de medida socioeducativa estrita.

No período em que a pesquisa foi desenvolvida na escola, dentro da instituição de internação, haviam 23 profissionais (12 deles eram concursados, 09 contratados temporariamente e 02 coordenadores). Esta escola é uma instituição responsável pelo espaço de ensino-aprendizagem dos adolescentes em privação de liberdade. No período em que a pesquisa foi desenvolvida, haviam 140 adolescentes do sexo masculino frequentando a escola.

Diante deste cenário foi proposta uma intervenção em Psicodinâmica do Trabalho-PDT, proposta por Dejours (1992), no qual seu método engloba, indispensavelmente, cinco etapas: 1) pré-pesquisa, 2) pesquisa ou sessão, 3) análise da demanda, 4) análise do material da sessão, 5) validação e refutação. Portanto, se trata de um método que envolve uma ação conjunta dos pesquisadores com os trabalhadores, e tais etapas são dinâmicas e estão totalmente relacionadas, a saber:

Etapa 1 - Pré-pesquisa: A primeira etapa da pesquisa consistiu em três momentos importantes: a análise inicial da demanda, a definição dos pesquisadores e trabalhadores que estavam envolvidos e as ações voltadas para o conhecimento prévio da organização do trabalho. Portanto, o primeiro passo foi identificar junto à direção da escola os desafios do trabalho educativo no contexto da socioeducação em uma instituição de privação de

liberdade, depois escutou-se os professores sobre seu interesse em participarem da intervenção em Psicodinâmica do Trabalho.

Etapa 2- Pesquisa ou sessão: Constituiu-se das discussões grupais propriamente ditas as quais ocorrerem em intervalos autorizados pela gestão. O objetivo nas discussões em grupo foi o de desencadear uma reflexão e uma ação transformadora.

Etapa 3- Análise da demanda: Nessa etapa, buscou-se compreender a demanda do grupo, tendo como base alguns princípios: entender quem formulou a demanda; o que se solicitou e a quem a demanda foi dirigida. Essa reconfiguração da demanda norteou toda a construção de hipóteses e interpretações a serem formuladas pelos pesquisadores durante o desenvolvimento do grupo. O grupo foi composto por doze professores que se voluntariaram e foram escutados em um espaço coletivo de fala durante cinco encontros. As dificuldades para os agendamentos das reuniões eram frequentes, pois a rotina da escola era muitas vezes atravessada pelos imprevistos da instituição da justiça.

Etapa 4- Análise do material da sessão: A intervenção foi conduzida por duas pesquisadoras e os registros dos encontros foram delegadas a uma terceira pesquisadora estagiária de psicologia. Os encontros eram semanalmente discutidos com uma supervisora, e na análise do material dos encontros e da observação clínica, as pesquisadoras voltavam-se para a interpretação do conteúdo, com vistas à construção de sentido dos elementos subjetivos surgidos durante as sessões, articulados com os conceitos teóricos como sofrimento, prazer e sentido do trabalho, os quais são mecanismos que concederam análise ao material.

Etapa 5 - Validação e refutação: A validação transcorreu em duas etapas. A primeira ocorreu mediante a presença dos professores nos encontros, com seu envolvimento no jogo de comentários, elaborações e interpretações que validaram o sentido da atividade, a fim de formar um relatório, que foi discutido com os trabalhadores. O segundo momento da validação foi o ato de compartilhar o relatório com os professores para os acréscimos e a releitura da análise das sessões. Após este processo, foi entregue um documento por escrito para que os trabalhadores fizessem suas críticas. E, por fim, foram feitas as modificações necessárias, que constituíram o relatório final entregue aos professores.

5 RESULTADOS

Os professores, nas medidas socioeducativas em meio de privação de liberdade, têm como uma de suas funções viabilizar o retorno dos adolescentes ao convívio social e ao sistema educativo formal, do qual a maioria se afastou. A partir das falas que emergiram no método em Psicodinâmica do Trabalho, será destacado na discussão o sentido do trabalho na socioeducação, pois os professores são convocados subjetivamente a repensar suas práticas docentes em um caminho revestido de fortalecimento ao laço civilizatório, com a inserção de dispositivos de produção cultural com aos adolescentes.

A prática da docência neste contexto, mobiliza um trabalho psíquico face ao desamparo desses adolescentes, mas também aos imprevistos de violência na sala de aula e dentro da instituição prisional. Os professores raramente são alvos de violências desses jovens, pois na maioria das vezes eles são vistos como alguém familiar, já que são professores que atuam no sistema educativo sem relação com a justiça. Assim, a violência na sala de aula, quando ocorre, se passa entre os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, e há sempre um funcionário da segurança da instituição na porta da sala lembrando que ali não é uma escola ordinária. Porém, na unidade de internação, os professores procuram fazer da escola um lugar para que os adolescentes sejam reconhecidos como sujeitos que estão além dos atos infracionais cometidos, e sobre essa proximidade afetiva os professores relataram:

“Eu procuro criar aquele vínculo, pra que eles exponham um pouco da vivência deles lá fora e o que eles planejam fazer quando saírem daqui”.

“É bater papo mesmo, é sentar, perguntar o que aconteceu. Aqui a gente pega na mão do moleque de 17 anos que já deu tiro, que já matou, que já estuprou e fala: - Olha tu podes começar a partir daqui, a andar, a trilhar um outro caminho social, pode rever tua vida, entender que a vida não acabou, ela tem uma continuidade e pode ser diferente”.

Esse trabalho docente é atravessado pela dicotomia entre a pretensão de ser um espaço de pensamento libertário, mas em uma escola intramuros. Portanto, o trabalho docente na socioeducação pode ser fonte de sofrimento pelo contexto de desamparo social em que está inserido e, diante dessa realidade os professores assumem uma postura de reinvenção de suas práticas educacionais. Neste contexto, essa reinvenção passa pelo destaque de relações de afeto e inserção de dispositivos de mediação cultural como elemento privilegiado de interação social na escola, e um investimento que permite a retomada do laço civilizatório, como pode ser exemplificado nas seguintes falas:

“Na semana do Natal e no réveillon é onde eles tentam fugir, tentam matar, aí vira uma confusão danada. Aí paralelo a isso a gente fez uma competição de futsal especificamente pra segurar essa onda desses meninos: aí a gente faz a competição na semana do Natal e na semana do Réveillon”.

“Eles pedem pra gente trazer caça palavras. Eles gostam muito dessas coisas assim, de área lúdica, eles gostam, todo trabalho que você faz que leva por lúdico, eles gostam muito”.

Cunha e Dazzani (2016) apontaram que, historicamente, a cultura presente na escola abarca os elementos das classes mais abastadas, segregando, portanto, os estratos mais populares. Ainda de acordo com os autores, no contexto socioeducativo, os adolescentes de classe social mais vulnerável seguem alvos privilegiados dos preconceitos, estigmas e estereótipos, tanto pelo ato infracional, quanto pelo repertório cultural popular, como as músicas, danças e outras expressões da periferia. Nesse trabalho educativo na socioeducação ocorre um reconhecimento das expressões artísticas desses jovens, que permite um endereçamento rumo ao laço civilizatório, como foi mencionado por um dos professores:

“Tinha vários projetos que todo mundo fazia junto, a questão da música que foi um sucesso, e aí você vê que o adolescente cria uma expectativa muito grande. O aluno se sente seguro de chegar no professor, de conversar suas produções com o professor: -Professor tá legal desse jeito? Tem como o sr. expor uma forma correta pra eu escrever essa música? Vou cantar pra você-. Aí eles cantavam e aí faziam uma construção positiva (...) existe um grupo bem interativo”.

Nesse contexto, o sentido desse trabalho ganha contornos de fortalecimento dos laços civilizatórios, ao passo que, assume como uma função a transmissão de elementos da cultura por meio da relação aluno-professor, que permite ocupar na subjetividade desses adolescentes sentimentos de pertença social e afeto. O trabalho com o lúdico e com o simbólico permite a esses jovens, que foram segregados e invisibilizados socialmente, encontrarem na produção cultural pertencimento e lugar de fala do seu sofrimento (VILLAS BOAS; CASTRO; LEMOS, 2020).

Vale destacar que os professores também relataram o desamparo e o sentimento de invisibilidade desses esforços de reinvenção desse trabalho educativo, pois esse investimento nem sempre é validado por outros atores institucionais, como foi relatado por um dos professores:

“Um dia que eu tô passando, um agente falou assim: ‘Tão fácil ser professor de Educação Física, chegar lá e jogar bola com os meninos...’ Eu cheguei bem nesta hora e falei pra ele assim: - ‘Você não sabe o trabalho que eu faço porque

lá na Educação Física'. (...) "tornar o corpo dócil", é uma expressão muito antiga na área da Educação Física, que é amansar o corpo, ele dá uma relaxada, tá. Esse é o objetivo aqui dentro, usar o esporte como formação, como meio para ter objetivos, metas, alcançar alguma coisa. Depois disso, fiquei com tanta raiva e tristeza que fui para casa e não quis voltar ao trabalho por uns dois dias. Aí, fui ao médico e peguei um atestado médico que já estava precisando há muito tempo.

Neste contexto é importante destacar que o sentido do trabalho na contemporaneidade é fortemente marcado pelas atribuições do sistema capitalista, com as escalas de produção em massa, e avaliações em perspectiva quantitativa. Nesse circuito, o reconhecimento do trabalho vivo, aquele que depende da dimensão phática dos sujeitos, se perde. Cabe destacar que o *phatos* se refere aos sentimentos, às paixões, aquilo transbordante à razão (MARTINS, 1999). Oury (2008), contribui para compreensão afetiva do trabalho com a dimensão do << trabalho inestimável >>, pois à luz das críticas ao sistema capitalismo esta dimensão é repleta investimento afetivo, por vezes incapaz de ser mensurado em análises quantitativas. Desse modo, o trabalho inestimável se coloca na contramão da invisibilidade desses adolescentes, pois é possível se voltar para a singularidade de cada um, em subversão a posição desubjetivante da instituição prisional (OURY, 2009).

Os professores face à sua impotência no encontro com adolescentes marcados em sua história pelo racismo, pelo abandono e pela miséria, tem o sentido do trabalho docente atravessado pelas dificuldades da realidade social. Esses professores assumem, nessa escola, uma postura muito diferente daquela adotada em outras escolas, em que está presente de modo importante a técnica de ensino e a transmissão do conteúdo. A complexa situação social desses adolescentes convoca esses professores a entrarem em contato com um sentimento de desamparo e, ao mesmo tempo, as reflexões que a dimensão do saber como técnica pedagógica não os ajuda nesta escola.

Em um dos encontros, os professores trouxeram reflexões sobre o investimento de tempo e afeto, que não tem um reconhecimento e manifestaram a preocupação com o destino dos adolescentes, depois que saírem da unidade e um deles falou: “[...] eu invisto aqui, mas lá fora ninguém investe”. Portanto, o desamparo sentido pelos docentes vem do encontro com as complexidades da cena social e suas vulnerabilidades. Assim, dois professores relataram situações de reencontro com alunos, que tinham saído da unidade de internação e estavam em situação de rua, portanto, um dos professores ao narrar esta situação chorou e perguntou:

“Como sustentar um trabalho deste? Será que não ajudamos em nada? E a família onde está?”.

Os constantes sentimentos de desamparo os coloca em uma posição de ambivalência; se por um lado esses profissionais se sentem mobilizados pela vulnerabilidade desses jovens, por outro sentem-se também indignados com alguns atos de violência que alguns foram protagonistas. A troca entre professores evidenciou que para além do trabalho didático e pedagógico, existe o desafio de mobilizar esses adolescentes para investirem no processo educativo e em um projeto de vida que possa afastá-los do crime, e sobre essa questão os professores falaram:

“Nós precisamos dar essa noção de realidade para o aluno. Para isso durante as aulas, usam o diálogo para falar sobre as profissões, a necessidade de despertar o interesse pelo trabalho, então, ficamos ansiosos, pois não se consegue seguir a grade curricular, é difícil”.

“Nós temos a profissão mais difícil de todas. O médico pega o doente ‘você tem tuberculose, vou te dar medicação’ e acabou (...), mas a gente trabalha com o subjetivo, né?”.

No trabalho docente em meio socioeducativo, o sofrimento desses professores parece se relacionar ao fato de se sentirem impotentes em transmitir conhecimento, dessa forma, focalizam seu engajamento subjetivo no trabalho de cuidado, e na retomada de dispositivos culturais dos territórios desses adolescentes. No espaço coletivo de fala, os professores trouxeram os impasses do funcionamento de um espaço educativo dentro de um espaço institucional de privação de liberdade, a saber: a história de fracasso escolar dos alunos, e, de terem que adequar o currículo a essas lacunas educacionais. Assim, nesse espaço puderam falar sobre a proximidade afetiva que constroem com os adolescentes, e de como a escola se constitui como um enquadre de liberdade de expressão, em uma instituição de rigidez e controle carcerário.

Ao chegarem na unidade de internação, muitos adolescentes já estavam fora da escola há algum tempo e, conseqüentemente, encontravam-se em defasagem escolar, e esse quadro atravessa o sentido do trabalho docente, conforme foi mencionado: *“Eu não dei 30% do que eu imaginei quando eu vinha pra cá, eu criei um projeto na minha cabeça, não consegui escrever e não consegui aplicar. E aí você fica assim: -Caramba que tô fazendo?-. Aqui, assim, parece que eu não tô fazendo nada”.* Neste contexto, em função dos inúmeros desafios, os professores entendem que seu trabalho não tem sentido pragmático, uma vez que acreditam que parte desses adolescentes não continuarão na

escola depois que saírem do sistema socioeducativo. Um exemplo dessa descrença relaciona-se à prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ao futuro profissional dos adolescentes, como pode ser exemplificado na fala a seguir: “*Como é que vai ser quando estes adolescentes saírem daqui ou quando forem fazer a prova do ENEM?*”. Essa questão leva os professores a refletirem constantemente sobre o sentido do seu trabalho, o que está relacionado aos sentimentos de impotência e frustração.

Em contrapartida, o sentido desse trabalho docente também é atravessado por uma certa satisfação, na medida em que passa pela via do reconhecimento dos alunos. Portanto, é uma construção de sentido que passa pela validação pelos adolescentes, com uma instância que revela a importância desse trabalho para um outro, como uma função na teia social, pois tem como eixo a sustentação afetiva para esses jovens, conforme os professores destacaram: “*Se o aluno chega para mim, é a opinião dele que mais me importa: -Poxa, professora, que fera! Nossa, eu entendi-. Igual hoje, um aluno veio pegando a folha do livro querendo dar aula para os meninos. Isso, para mim, é uma forma de reconhecimento*”. Para a PDT o reconhecimento é discutido como uma instância de retribuição simbólica oriunda da contribuição do trabalhador por meio do engajamento de sua subjetividade e inteligência no trabalho (LIMA, 2012).

Sobre o sentido do trabalho, Dejours (1999) destaca que para problematizar essa questão, deve-se tomar a concepção de que o sentido é construído dentro de uma lógica singular; passa pelas noções de subjetividade e pela via de construção da identidade. Nesta perspectiva, de acordo com a organização do trabalho podem ocorrer duas dimensões, nem sempre conciliáveis, a saber: a via do adoecimento, ou da promoção da saúde psíquica.

De acordo com as falas dos professores, as dificuldades oriundas da relação com o trabalho promovem uma desestabilização psíquica e física, causando sensações de exaustão e desânimo:

“Quando você chega de manhã, o menino está com o sorriso na orelha, daqui a pouco ele entra em depressão e comete suicídio...Eu mesmo choro muito com isso né (...) No outro dia a gente tem que vir pra sala, entendeu? Então, eu fico com aquilo na cabeça, e geralmente eu não fico assim nas escolas regulares, tudo que acontece aqui tem três vezes mais intensidade”.

Nas falas dos professores ficou marcada a falta de reconhecimento social da qualidade desse trabalho, que por vezes, não pode ser alcançado pelas mensurações quantitativas, mas só pode ser visualizado na análise do enfrentamento cotidiano dos

desafios no trabalho. Face aos modos de produção em uma sociedade capitalista, Areosa (2021) afirma que na contemporaneidade o sentido do trabalho está intrinsecamente atrelado à ideia de resultado quantificável. Entretanto, ainda de acordo com o autor, há uma certa subversão à lógica capitalista quando a PDT destaca que trabalhar não é apenas produzir, pois, é também um jogo interacional que envolve a relação com o outro, e essa reflexão pode ser exemplificada na seguinte fala:

“Aqui precisamos de algo mais em termos de formação. Não é só meu conhecimento de faculdade que eu aplico. É o conhecimento que chega pra mim como pessoa, como que eu sou como pessoa, como mãe, como cidadã. Vou trabalhar os meus valores dentro da minha prática, vivendo numa situação de pressão, vivendo numa situação de violência latente, e como que a gente lida com isso? [...] A gente trabalha com o subjetivo, com a emoção das pessoas e isso é muito difícil. Por que não recebemos treinamento mais próximo da realidade em nossos cursos?”.

Em função dos inúmeros desafios, os professores entendem que seu trabalho não tem o mesmo sentido que assume em outros contextos educativos, uma vez que acreditam que parte desses adolescentes não continuarão na escola depois que saírem do sistema socioeducativo de privação de liberdade. Contudo, no encontro cotidiano com esses adolescentes, o sentido do trabalho se faz nas pequenas conquistas que são marcadas pela relação de confiança que é possível estabelecer. O trabalho inestimável na perspectiva de Oury (2008) chama atenção para um evento ordinário, como um sorriso, uma conversa no corredor, um gesto, que são modos de se relacionar com o trabalho que escapam às avaliações da gestão, mas que estão presentes e contribuem na sustentação das relações e, particularmente, entre esses professores e os adolescentes. Como pode ser demonstrado na fala a seguir:

“Eu chego, vejo que a turma não tá legal, muitas vezes, triste por algum colega de turma ter morrido ou porque estão revoltados de estar ali. Começam a brigar, aí eu guardo o material e falo: -Gente, vamos parar a aula, vamos ver outra coisa-, aí coloco vídeo pra eles assistirem rappers. Você tem que tirar uma carta da manga, a criatividade vem à tona nesse momento.

A escola dentro no sistema de privação de liberdade se situa como uma instituição dentro de outra com caráter carcerário, e neste sentido possuem características e objetivos que nem sempre estão em concordância e podem, algumas vezes, assumirem posições opostas. Esta compreensão revela que face ao sofrimento e ao desamparo, um dos caminhos possíveis é se proteger de modo coletivo para sustentar este trabalho, conforme foi relatado por um professor: *“Eu sento pra almoçar com ela e a gente bate papo, ela*

fala uma coisa pra mim que me ajuda, eu falo uma coisa pra ela que de repente ajuda e a gente vai trocando experiências dentro do ambiente profissional”.

As instituições de privação de liberdade trazem uma marca de organizações hierárquicas, principalmente pelo seu vínculo à justiça. Diante dessa questão, Carreiro (2020) problematiza o trabalho no campo da socioeducação como uma dimensão atravessada pela justaposição de instituições (escola, justiça, unidade de privação de liberdade, por exemplo), e diante desse cenário é importante a sustentação de espaços que possam dar atenção aos sentimentos dos profissionais e a rede de vínculos que se tecem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo pretendemos focalizar como o investimento subjetivo e o sentido no trabalho docente são atravessados pela dimensão do sofrimento, diante de uma tentativa de sustentação de uma posição educativa dentro de uma instituição prisional para jovens e adolescentes em conflito com a lei. Por outro lado, há uma reinvenção desse trabalho à medida que os objetos da cultura são acessados na relação aluno-professor, permitindo a retomada do laço civilizatório, do qual esses jovens romperam no ato infracional e, posteriormente, na experiência de aprisionamento.

O espaço coletivo de fala proporcionou a discussão dos desafios do trabalho docente, na medida em que possibilitou aos participantes discutirem sobre sua relação com a instituição e com os adolescentes. Logo, considera-se que o trabalho docente convoca os professores a conviverem com sujeitos em processo de transformações físicas, psíquicas e sociais, de modo que, além dos conteúdos pedagógicos, terão que lidar com a situação de vulnerabilidade dos adolescentes. Este espaço coletivo de escuta e circularização da palavra contribuiu para as reflexões sobre o sentido desse trabalho, que é diferente de outros espaços educativos, e que precisou ser problematizado.

Esta compreensão revela que face ao sofrimento e ao desamparo dos professores, um dos caminhos possíveis é se proteger de modo coletivo para sustentar e encontrar um sentido para o trabalho, uma vez que as instituições de privação de liberdade são carregadas por um ambiente punitivo e carcerário. Desse modo, o trabalho inestimável dos professores se coloca na contramão da invisibilidade desses adolescentes, pois nesse encontro na instituição educacional os adolescentes em privação de liberdade têm a possibilidade de estabelecer laços afetivos, como um retorno ao laço civilizatório, que é tão atacado na experiência do enclausuramento.

Um dos elementos que poderia contribuir para melhor enfrentar o cotidiano desses docentes, seria a instalação de um espaço de troca entre os professores, o qual auxiliaria a convivência dos mesmos e a sustentação do trabalho educativo, com a função principal de instalação de laços civilizatórios a partir da mediação de elementos culturais, junto aos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Crianças e guerra: as balas perdidas! *Childhood & Philosophy*, v. 16, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/48358/34252>. Acesso em: 11 set. 2023.

AREOSA, João. Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. *Revista Katálysis*, v. 24, p. 321-330, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77288>. Acesso em: Jan.2021

ARRAZ, Fernando Miranda. “No início tive uma sensação de medo”: o exercício da docência em um ambiente socioeducativo – trajetórias de vida-formação-docência. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós graduação em Educação e Docência. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022. Disponível em: Repositório Institucional da UFMG: “No início tive uma sensação de medo”: o exercício da docência em um ambiente socioeducativo – trajetórias de vida-formação-docência. Acesso em: 22 jun. 2023

Brasil. (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069. Acesso em: fev, 2021.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. Obras completas de Sigmund Freud, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1895/2006.

BLANCHARD-LAVILLE, Claudine. Professores entre o prazer e o sofrimento (Os). [s.l.] **Edições Loyola**, 2005.

BOUCHAREU, Manon. Penser l’apport du care à l’évaluation et à la gestion des pratiques enseignantes. **Éducation et socialisation**, n. 40, 1 fev. 2016. <https://doi.org/10.4000/edso.1561>. Acesso em: Fev, 2021.

CARDOSO, Marta Rezende; MARTY, François. Destinos da adolescência. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

CARRETEIRO, Tereza Cristina. Reflexões sobre adolescências e a complexidade das comunidades de afeto no processo socioeducativo. *Sociedade e Estado*, v. 35, p. 83-100, 2020. DOI: 10.1590/s0102-6992-202035010005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/27653>. Acesso em: 22 jun. 2023.

CUNHA, Eliseu de Oliveira; DAZZANI, Maria Virgínia Machado. A escola e o adolescente em conflito com a lei: desvelando as tramas de uma difícil relação. *Educação em Revista*, v. 32, p. 235–259, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/sYMstrTgsHSjnNjZZfKNKjr/?lang=pt#B45>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, Christophe. Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão. São Paulo: Fundap, 1999.

DEJOURS; Christophe.; LANCMAN, Selma.; SZNELWAR, Laerte. Christophe Dejourns : da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15, Rio De Janeiro Ed. Fiocruz, 2004.

DEJOURS, Christophe ; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian; *et al.* Psicodinâmica do trabalho : contribuições da Escola Dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

DEJOURS, Christophe.; GETNET, I. Trabalho, subjetividade e confiança. Em: SZNELWAR, Laerte. (org.), Saúde dos Bancários, São Paulo: Editora Gráfica Atitude, 2011. p. 33-43.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2023.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. Obras completas, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1894/2006.

FREUD Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. Em: E.S B. ,Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1ª edição, (1930/1980).

GANEM, Valérie ; RODRIGUES, Martha Veras. Quel est l’impact de la faim et de la lutte pour la survie sur le rapport subjectif au travail ? **Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé**, n. 18-1, 2016. <https://doi.org/10.4000/pistes.4673>. Acesso em: Maio,2021.

GERNET, Isabelle. Les relations entre santé et travail du point de vue de la psychodynamique du travail”. Paris: Mouvements, n° 58:79-84, 2009.

GUTTON, Philippe. Le pubertaire, Paris: Puf, 1991.

LIMA, Suzana Canez da Cruz. O trabalho do cuidado: uma análise psicodinâmica. Revista Psicologia Organizações e Trabalho, v. 12, n. 2, p. 203–215, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000200006#:~:text=O%20trabalho%20do%20cuidado%20se>.

MARTY, François. “Adolescência, violência e sociedade”. Rio de Janeiro: Ágora, 2006.

MOLINIER, Pascale. Apprendre des aides soignants. Paris: Gerontologie et Sociétés, 33 (133):133-144, 2010.

OURY, Jean. O coletivo. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.

OURY, Jean. Le travail est-il thérapeutique? *Travailler Paris*, n. 19, p. 15-34, 2008.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. Psic. da Educação, São Paulo, v 30(1): 81-96, 2010.

ROLO, Duarte. Stratégies et idéologies défensives : la question des défenses de Travail, usure mentale à Souffrance en France”. Paris:Travailler, v 42(2):43-56, 2019.

ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico políticas. Porto Alegre: Rev. Assoc. Psicanal, v 41 (42): 29-40, 2012.

ROSA, Miriam Debieux e VICENTIN, Maria Cristina. Os intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. Rev. psicol. polít. [online]. 2010, vol.10, n.19, pp. 107-124. ISSN 2175-139

SILVA, Silmara Carneiro e. Socioeducação e juventude: reflexões sobre a educação de adolescentes e jovens para a vida em liberdade. Serviço Social em Revista, v. 14, n. 2, p. 96–118, 2012. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/8398>. Acesso em: 9 set. 2023.

MARTINS, Francisco. O que é phatos? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 4, p. 62–80, dez. 1999. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77288>

VILAS BOAS, Cristina Campolina; CASTRO, David de Oliveira; LEMOS, Juliana França Marques. Lugar é laço, palavra é laço: a extensão como território de enlace do adolescente em conflito com a lei. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 9, p. 436-452, 7 set. 2020.